

# ***A Gaiola Dourada*** **foi o filme mais visto** **nas Caldas da Rainha**



*A Gaiola Dourada*, um divertida comédia que aborda a vida dos portugueses em França e a sua relação com os franceses, foi o filme vai visto nas Caldas da Rainha neste século. Até ao início desta semana já tinha sido ultrapassada a fasquia dos 10 mil bilhetes vendidos no Vivacine, relegando para segundo lugar o *Avatar*, que vendeu 9900 bilhetes.

O filme *Titanic* (1997) terá sido também um dos mais vistos nas Caldas da Rainha, mas não há dados disponíveis porque passou na altura nos cinemas Delta.

*A Gaiola Dourada*, do realizador Ruben Alves, está há dez semanas nas Caldas da Rainha (estreou no início de Agosto) e estará em cartaz pelo menos mais uma.

Com mais de dois milhões de bilhetes vendidos em França, a história do casal Ribeiro (ela porteira e ele pedreiro) é também um sucesso comercial em Portugal, tendo havido pessoas que viram o filme mais do que uma vez.

**Gazeta das Caldas** perguntou a franceses e portugueses o que acharam de *A Gaiola Dourada*, sendo as respostas unânimes nos elogios ao filme.

# A Gaiola Dourada foi o filme m

A *Gaiola Dourada*, um divertida comédia que aborda a vida dos portugueses em França e a sua relação com os franceses, foi o filme vai visto nas Caldas da Rainha neste século. Até ao início desta semana já tinha sido ultrapassada a fasquia dos 10 mil bilhetes vendidos no Vivacine, relegando para segundo lugar o *Avatar*, que vendeu 9900 bilhetes.

O filme *Titanic* (1997) terá sido também um dos mais vistos nas Caldas da Rainha, mas não há dados disponíveis porque passou na altura nos cinemas Delta.

A *Gaiola Dourada*, do realizador Ruben Alves, está há dez semanas nas Caldas da Rainha (estreou no início de Agosto) e estará em cartaz pelo menos mais uma. Com mais de dois milhões de bilhetes vendidos em França, a história do casal Ribeiro (ela porteira e ele pedreiro) é também um sucesso comercial em Portugal, tendo havido pessoas que viram o filme mais do que uma vez.

**Gazeta das Caldas** perguntou a franceses e portugueses o que acharam de *A Gaiola Dourada*, sendo as respostas unânimes nos elogios ao filme.



### “Esta é a realidade que eu conheci”

Um filme muito bem feito e com uma história muito verdadeira. Tão real que não há muito mais para dizer. Aquela história podia ter acontecido. E aquela foi também a realidade que eu conheci: as mulheres portuguesas eram porteiras e os maridos eram pedreiros ou trabalhavam na Renault. Eram prestáveis, atenciosos e honestos. Os franceses quando se ausentavam deixavam-lhes as chaves dos apartamentos para tratar deles. Esta é a realidade que eu conheci nos anos 70 e 80. Não creio que hoje seja muito diferente.

**Maria de Jesus Ferreira**

Natural de Santa Catarina. Viveu 35 anos em Paris. Regressou em 2008. Reside nas Caldas da Rainha.



### “Tenho recomendado o filme”

Adorei. Acho que representa bem a vida dos emigrantes em França, mas sem ser de uma maneira dramática. Os portugueses sentem-se enaltecidos pela forma como são apresentados. Tenho recomendado o filme.

A visão dos franceses é excelente, é a visão que têm dos portugueses, sempre muito disponíveis, muito responsáveis. E o filme mostra isso mesmo, que os franceses reconhecem que não podem passar sem os portugueses.

Os clichês são muitos, mas são utilizados de forma extremamente inteligente, apelando à tradição portuguesa espalhada pelo mundo – o bacalhau, o fado e o futebol. O humor é constante e muito espontâneo.

**Maria do Carmo Brandão**

Viveu 17 anos em França, onde trabalhou na Embaixada Portuguesa, e deu aulas de Português em dois liceus a alunos filhos de emigrantes. Directora da Alliance Française das Caldas e Santarém. Vive nas Caldas da Rainha.



### “Um filme que ajuda a desconstrair”

Vi *A Gaiola Dourada* e gostei muito. Nele reencontrei os portugueses tal como eles vivem em França. Uns autênticos heróis. Pessoas que estavam sempre disponíveis para fazer a vontade aos seus patrões franceses... Era assim que se comportavam os portugueses em França. Gostei da parte em que o casal vai passar o fim-de-semana ao “château”, do marido a comer da lancheira e a beber a sua cerveja Sagres em vez de tocar no jantar requintado que lhes tinham preparado. E ri-me, ri-me quando, antes de saírem do quarto, eles fizeram a cama... Enfim, eu penso que este filme reflecte bastante a vida dos portugueses expatriados em França. Acho que este filme é muito bem feito e é daqueles que não nos traz preocupações, pelo contrário, ajuda-nos a desconstrair.

**Sylvie Blanc-Gonnet**

Natural de Melun. Funcionária pública. Casada há 30 anos com um português.



### “Fartei-me de rir mas tinha lágrimas nos olhos”

Para mim é fácil falar sobre este filme porque foi exactamente isto que eu vivi em França. A comunidade portuguesa sempre foi trabalhadora e discreta. Era sempre a fazer o bem para os patrões e os franceses não tinham nada a apontar aos portugueses. “Oui madame” era das primeiras frases em francês que as empregadas portuguesas aprendiam a dizer.

Neste filme também é visível a nostalgia pela terra que todos nós deixamos, uma nostalgia, uma saudade sentida ainda mais pelos nosso pais. Depois, quando tudo vai melhor na vida, põe-se a questão: voltar sim ou não? E os filhos ficam ou vêm? Sempre as mesmas perguntas. Eu sei isso porque vivi isso na minha família. Eu penso que é realmente um filme feito por uma pessoa que viveu essa situação. E é de faltar de rir com cenas bem portuguesas. Fartei-me de rir, mas tinha as lágrimas nos olhos, quando foi a cena do fado. O que hei-de dizer mais? Simplesmente que eu me vi nesse filme. A comunidade portuguesa sempre foi muito discreta aqui e eu fico contente que, por uma vez, tenham falado dela assim desta maneira.

**José Ferreira**

Natural de Cintrão (Bombaral), 50 anos. Foi para França com sete anos e viveu em Melun e Le Mée sur Seine. Reside actualmente em Blois.



### “O autor é um Zola do séc. XXI”

É um filme que tem duas grandes características: é humorístico e reflecte bem a vida dos portugueses. É um filme de uma grande profundidade. Até se pode fazer uma analogia com Emile Zola porque conta muito bem uma história de vida. Acho que o autor deste filme é como uma Zola do século XXI.

Na história é interessante a decisão da família em querer regressar a Portugal. Há um jovem que renega a origem da mãe, que não assume a profissão dos seus pais, que esconde as origens. Isso é duro. Para um francês, como é o meu caso, o filme é uma boa descrição da vida parisiense. Por exemplo, o restaurante Vasco da Gama, que fica na Rue Vasco da Gama, eu conheço-o bem. E é verdade que se canta o fado lá.

No filme nota-se ainda uma coisa muito verdadeira: que as segundas e terceiras gerações de portugueses estão muito bem integradas. Em França estes filhos e netos de portugueses são aceites como iguais. Coisa que não acontece com a integração de outras pessoas...

**Jean Pierre Hougas**

Tem 66 anos. Reformado e consultor em part time. Foi director de uma Escola de Engenharia em Paris. Vive há cinco nas Caldas da Rainha. É o delegado do núcleo do Oeste da UFE (Union des Français de l'Étranger)



### “Desmente o miserabilismo”

O filme desmente o miserabilismo com que muitas vezes é olhada a presença portuguesa dos nossos emigrantes em França e que era transmitida de forma negativa pelo livro e pela canção *La Valise en Carton* (A Mala de Cartão, de Linda de Suza). Enquanto vivi em França, no âmbito das minhas funções, conheci histórias de sucesso de muitos elementos da comunidade portuguesa. Em Paris, o gerente da Caixa Geral de Depósitos apresentou-me uma vez um português, de aspecto humilde e discreto que era dono de 100 táxis na cidade. Uma vez, em Lille, o maire [presidente da Câmara] contou-me que tinha um grande apreço pelos portugueses, muitos deles proprietários de grandes empresas de construção civil. Conheci até um industrial português que se deslocava no seu avião particular.

**Perez Brandão**

Coronel reformado. Foi adido militar da embaixada portuguesa em Paris durante três anos e meio. Vive nas Caldas da Rainha.



### “Entendi os meus pais”

É um filme que representa muito bem a vida dos portugueses que imigraram para França. Graças a este filme eu entendi porque os meus pais desejam um dia voltar a Portugal. Infelizmente terão de o fazer sem os seus filhos e não é de todo uma situação fácil de gerir.

No filme também vemos o dilema dos filhos que embora se sintam perfeitamente integrados na sociedade francesa, têm por vezes de enfrentar as diferenças que ainda existem no meio familiar.

**Céline Martins**

Tem 29 anos, francesa, filha de pais naturais da Serra do Bourou. Vive em Tours.



# ais visto nas Caldas da Rainha



## “O imigrante e o expatriado”

Quis o destino que, após ter perdido a exibição da “Gaiola Dourada” em Genebra, acabei por ver o filme nas Caldas. Penso que todos os portugueses a viver e a trabalhar fora de Portugal sentiram uma mistura de curiosidade e desconforto em relação a este filme. Mas seguramente ninguém ficou indiferente. Tudo já foi dito quanto à qualidade técnica, à realização e aos atores, tudo de uma qualidade bastante aceitável.

Mas a minha reflexão recai sobretudo sobre a caricatura social, tema central do filme. Importa antes de mais fazer a distinção entre dois tipos de migrantes: o “imigrante” e o “expatriado”. Ambos sempre existiram mas com visibilidade diferente. O “imigrante” pouco mudou desde os anos 60, 70 ou 80. Continua a ser uma população pouco letrada de trabalhadores braçais e indiferenciados, mas com grandes competências humanas e muitas vezes técnicas. Respeitados pela sua humildade, e capacidade de adaptação. Para estes a “conciérge” e o “maçon” que herdaram uma quinta no Douro, simboliza a vitória, e em certa medida a vingança sobre o patrão explorador. O filme é assim uma paródia fiel e romântica (mais romântica que fiel) mas relativamente bem conseguida. Para os ditos “expatriados” (imigrantes diferenciados com formação superior), este filme é de difícil digestão. A maioria diz que não foi ver porque “não se identifica” ou porque não concorda ou por outras razões, consoante a orientação filosófica e política. Claro que a maioria cedeu à tentação e acabou por rir bem alto das desventuras da Maria Vieira. Mas não posso deixar de sublinhar que tudo fica por dizer sobre os milhares de imigrantes que vivem em condições deploráveis, também aqui na Suíça. Dependentes dos serviços sociais, do subsídio de desemprego, em trabalhos precários, repetindo esquemas que conheceram já em Portugal. Um meio onde muitas vezes convivem com a violência (também doméstica), o alcoolismo, a doença e a vergonha. Encurralados entre um país estrangeiro onde já não são bem-vindos e a sua pátria onde nada têm para voltar, senão a humilhação de não ter conseguido vencer na vida.

**Rodrigo da Graça Santos.**

Tem 38 anos, psiquiatra caldense em Lausanne (Suíça)

Testemunhos recolhidos por:

**Carlos Cipriano**

cc@gazetacaldas.com

**Natacha Narciso**

nnarciso@gazetacaldas.com

**Tiago Mota**

tmtota@gazetacaldas.com

## “Uma portugalidade que me marcou”

A Gaiola Dourada traz uma emoção, sentimento e uma portugalidade que me marcou. O estereótipo da emigração visto de forma leve, cómica, mas também profunda. Onde o riso e a lágrima acabam por estar lado a lado.

Senti-me especialmente emocionado com este filme porque revê parte da minha história aqui. Uma história que, no fundo, é a história de vida de tantos portugueses. Um retrato do que é ser português lá fora e que acaba por ser familiar a todos. Porque, no fundo, todos conhecemos alguém que seja ou tenha sido emigrante.

**Christopher Marques**

Tem 21 anos. Nasceu em França (Alfortville) onde viveu até aos oito anos. Reside em Leiria.

## “Reflecte bem a vida dos emigrantes”

Gostei imenso do filme. Acho que reflecte bem a vida dos emigrantes em França e que nos valoriza enquanto portugueses. Estou em França há 45 anos e sou casada com um francês que adorou ver o filme. Vi La Cage Dorée duas vezes: a primeira vez fui com uma amiga francesa e fartamo-nos de rir. Adorei a passagem do jantar em casa dos portugueses quando receberam o patrão. Enfim, gostei tanto do filme que não sei o que dizer mais... Mas as cenas do final, passadas em Portugal, isso então foi fantástico!...

**Maria Herminia Arnac**

Natural do Bombaral. Vive há 45 anos em França.

## “Saudade de Portugal”

Aprecié muito o filme. Quando ouvimos a palavra “português”, pensamos (enfim, alguns franceses...) imediatamente em futebol, bacalhau, empregada doméstica e pedreiro. E, claro, tudo isso está neste filme, bem como uma história de regresso ao país de origem. Durante o filme, por vezes ouvíamos palavras em português não traduzidas para o francês, mas que compreendemos muito bem e isso dava-me alguma saudade de Portugal onde uma boa parte da minha família vive. Resumindo, é um filme muito bem realizado que mostra como as famílias portuguesas podem integrar-se no seu novo país (aqui em França) e onde acabam por se tornar indispensáveis.

**Laetitia Ferreira**

Tem 25 anos, guia turística, natural de Melun (França). Filha de pai português.

## “A essência dos portugueses e da burguesia francesa”

Quem quiser descobrir a realidade dos imigrantes portugueses em França, veja o filme A Gaiola Dourada. As cenas são por vezes caricatas, no entanto reconheci não só a essência dos portugueses, mas também a da burguesia francesa. Os valores, o sotaque, as expressões... tudo remonta às minhas memórias! A caracterização é fantástica, o humor e a emoção estão presentes. Ri e chorei! O filme, que uniu actores portugueses e franceses, é de facto um cocktail maravilhoso. Recomendo a qualquer português, esteja ele aqui ou um pouco mais longe.

**Evelyn Pereira**

Tem 43 anos. Nasceu, estudou e viveu em França (Tours) até aos 18 anos. Reside no Nadadouro.

